

Mutações Sociais e Novas Tecnologias: O potencial radical da Web*

Jorge Carlos Felz Ferreira

Índice

1 Introdução	1
2 A era da eletricidade – a expansão da televisão	4
3 Novas tecnologias de comunicação	5
4 O potencial radical das novas tecnologias	8
5 A circulação de informação na Internet	8
6 Bibliografia	10

1 Introdução

Até bem pouco tempo, o fim do mundo conhecido ficava ali, logo depois da curva da estrada, na saída da aldeia. A travessia da fronteira entre o conhecido e o mundo estranho era coisa para vagabundos e forasteiros... sujeitos de comportamento excepcional que se permitiam vaguear, percorrer caminhos ou, para reis que faziam as guerras ou partiam em busca de alianças políticas ou comerciais.

“Aventurar-se para além das fronteiras do mundo da comunidade de pertença, deste território delimitado pelas fronteiras do espaço

*Texto apresentado como requisito parcial da disciplina “História social da Comunicação”- Umesp/2003.

próprio de todos quantos se identificavam com as marcas simbólicas do território comum, representava sempre algo de excepcional, que exigia uma série de rituais destinados, ora a esconjurar as forças maléficas do desconhecido, ora a purificar as suas influências nefastas para a comunidade”.¹

Esta relação do conhecimento e informação (de)limitada com o ambiente repercutia de forma significativa na produção de significados para estes homens. Cada ação do homem girava em torno desse parco conhecimento do mundo.

A produção e difusão da informação, reduzida às poucas centenas de metros quadrados da aldeia, baseava-se na tradição da cultura oral, na escrita manuscrita e nas leituras coletivas de um número reduzido de textos. A leitura era mais intensiva, onde o “leitor é confrontado a um corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e conhecidos de cor, transmitidos de geração em geração”.²

Será a partir do desenvolvimento dos meios de transporte e do comércio no século

¹ RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e Cultura – a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença, 2ª edição, 1999, p. 213.

² CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. Brasília: UNB, 1994. P. 99

XV (embora as raízes deste desenvolvimento sejam mais antigas, situadas ainda no século XII, no surgimento das primeiras universidades) que as distâncias geográficas são “reduzidas”, alargando o mundo conhecido, quebrando a relação espaço/ temporal em vigor.

As alterações porém não ocorrem apenas nos campos da política e da economia, elas se multiplicam por todas as áreas. Junto à expansão do mundo conhecido, há mudanças na forma da escrita e da leitura que afetam e são afetadas por essas alterações. Roger Chartier³ destaca uma primeira mutação fundamental na longa história da escrita com a separação das palavras – primeiro passo para uma leitura silenciosa.

Já a revolução de Gutenberg (1450) modifica a técnica de produção do texto, com a adoção dos tipos móveis para impressão, e constitui em si mesma uma forma altamente especializada de comunicação.

Na segunda metade do século XV as técnicas de impressão se espalharam rapidamente e oficinas foram criadas em quase todas as grandes cidades da Europa medieval. Este movimento se constituiu no início da era da comunicação de massa. Esta revolução nos modos de comunicação ocorre em paralelo ao desenvolvimento das primeiras formas de produção capitalista e de comércio, de um lado e por outro, do começo do moderno estado-nação⁴. Vale ressaltar que o desenvolvimento inicial da imprensa e das publicações esteve intimamente ligado ao exercício do poder político pelas autoridades responsáveis pelas estruturas administrativas dos estados-nações emergentes.

³ CHARTIER, Roger. Op.Cit. P. 98.

⁴ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 5ª edição, 2001. P 231

Nessa fase, aparece um segundo tipo de homem – leitor. Com as facilidades proporcionadas pela imprensa, surge o leitor extensivo, fruto da *Lesewut*⁵ que invadiu a Alemanha dos tempos de Goethe. Visto como um perigo para a ordem política, como um narcótico ou “como um desregramento da imaginação e dos sentidos, esse furor de ler, choca os observadores contemporâneos. Ele tem um papel essencial nos distanciamentos críticos que, em toda Europa, afasta os súditos de seu príncipe e os cristãos das suas igrejas”.⁶

Já no séculos XIX e XX o desenvolvimento da indústria do jornal foi marcado por duas tendências principais: de um lado, o crescimento e consolidação da circulação massiva de jornais, e de outro, a crescente internacionalização das atividades de coleta e distribuição das notícias.

Esta expansão dos meios de comunicação impressos (jornais) foi resultado da modernização dos métodos de produção e distribuição, incorporação de inovações tecnológicas como o uso das máquinas, da divisão social do trabalho, pelo desenvolvimento dos meios de transporte e aumento do nível geral de alfabetizados.

O grande salto na difusão e produção da informação ocorre no século XIX com o desenvolvimento do telégrafo⁷. O advento deste sistema de comunicação, como assi-

⁵ *Lesewut*: termo alemão para leitura (leser) furiosa (wut) ou a vontade de ler tudo o que existe. Goethe usou o termo para referir-se àqueles leitores que consumiam avidamente toda sorte de impressos.

⁶ CHARTIER, Roger. Op. Cit. P. 100.

⁷ As primeiras linhas telegráficas foram instaladas nos EUA no início de 1840 e rapidamente se expandiram pelo interior e serviram como fator de colonização e modernização para muitas regiões do país.

nala Carey⁸, o telégrafo permitiu pela primeira vez que a informação se dissociasse dos meios de transportes. Até aqui, estradas, barcos e mensageiros estavam intimamente ligados à palavra escrita. O telégrafo vai dar nova redação ao conceito de informação.

No fim do século XIX, iniciam-se as primeiras experiências de um novo tipo de telégrafo, sem fio, onde a informação circula através de ondas eletromagnéticas. Esta tecnologia foi empregada a princípio para fins militares: comunicação com navios em alto-mar, troca de mensagens entre bases militares, etc.

Porém a utilização mais importante que foi dada ao rádio não foi prevista por seus inventores. Após a 1ª Guerra Mundial, empresas como Westinghouse, G&E e RCA começaram a produzir aparelhos receptores domésticos e a instalarem as primeiras estações de transmissão.

Na década de 1920 há uma verdadeira explosão dessas emissoras de rádio⁹. Em 1928, nos Estados Unidos, as emissoras já possuíam cobertura nacional – redes – numa estrutura competitiva, onde o lucro era proveniente da venda de espaços na programação para a publicidade. Esta estrutura derivava da organização realizada um ano antes pela Comissão Federal de Rádio, substituída em 1934 pela Comissão Federal de Comunicações (FCC).

Nos EUA, na década de 1930, milhões

⁸ CAREY, James. *Communications as culture: Essays on media and society*. Boston: Unwin Hyman, 1989.

⁹ Entre os anos de 1920 e 1922 foram licenciadas, nos EUA, 570 estações de rádio, ou algo próximo a 24 estações por mês. As licenças eram outorgadas a qualquer pessoa que as requeresse junto à Secretaria do Comércio.

de ouvintes recebiam diariamente noticiários radiofônicos e programas de entretenimento. E, durante a 2ª Guerra, o presidente americano reconquistou um privilégio: sua voz podia alcançar a grande maioria dos cidadãos do país. O rádio servia como ponto de unificação da nação.

“A presença de redes nacionais – estações de rádio espalhadas por todo o país, e alimentadas pelo mesmo programa, enviado através de linhas da companhia telefônica – sem dúvida desempenhou um papel importante no crescimento do poder político federal durante as décadas de 1930 e 1940. O presidente se tornara uma figura mais acessível do que o prefeito”.¹⁰

Na Inglaterra, o sistema rádio tomou uma outra forma de organização. Em 1926 foi fundada a BBC (British Broadcasting Company), empresa de caráter público, resultado da união da iniciativa privada (fabricantes de aparelhos de rádio) e do governo e que permitiu o desenvolvimento de um ‘serviço público de difusão’ como um princípio básico para o setor.

Cabe observar como o rádio acelera a expansão da sociedade e a extensão dos limites da identidade e interesses provocando a transferência da atenção do próximo (local) para o distante (global). “Os ouvintes se tornaram residentes de uma comunidade etérea, povoada de presenças familiares, ainda que não alcançáveis, cuja voz era acessível em qualquer parte”.¹¹

¹⁰ STEPHENS, Mitchell. *História das Comunicações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. P. 620.

¹¹ Idem.

A implantação das primeiras emissoras de televisão nas décadas de 1940 e 50 nos EUA e na Europa – especialmente na Inglaterra – vai proporcionar uma nova revolução nos sistemas de produção e difusão da informação. O crescimento acelerado da importância da mídia televisão trouxe consequências importantes para os outros segmentos da mídia, embora seja difícil avaliar a natureza e a exata dimensão do impacto.

2 A era da eletricidade – a expansão da televisão

A televisão desde as primeiras experiências não foi vista como mais um ‘simples’ meio tecnológico, mas

“como um objetivo tecnológico (...) uma nova forma social e, conseqüentemente, uma empresa econômica em potencial, um sistema produtivo e institucional em potencial (...) a idéia da televisão transforma-se no terceiro pólo de um setor agora inconfundível com outros que lhes estão próximos (o rádio, o cinema e a nascente televisão são inteiramente diferentes da eletricidade, da telefonia, da telegrafia, etc.) e manifesta, no núcleo deste setor, os principais sintomas de uma autonomia tecnológica, cultural e social”.¹²

Embora anunciada como “o cinema em casa”, a televisão logo ocupa espaços expressivos importantes, antes ocupados por meios

¹² SARTORI, Carlo. *O Olho Universal*. In GIOVANINNI, Giovanni. *Evolução na Comunicação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 251-252

como o cinema, por exemplo, que para atrair a público e garantir sua continuidade, também se altera. Meio de informação e entretenimento a televisão, com as transmissões via satélite, torna disponíveis para o resto do mundo, valores da cultura ocidental (especialmente a norte-americana) numa espécie de homogeneização da difusão audiovisual, incluindo a disseminação de significados sociais característicos de um determinado modelo de produção e expressão.

Essa idéia de disseminação de um único modelo de cultura acaba muitas vezes se confundindo com a idéia de “aldeia global”. Para Sartori este conceito ainda está distante, uma vez que as emissoras e os receptores de TV não estão distribuídos uniformemente. A maior parte das emissoras de TV (95%) estão situadas na Europa, América do Norte, Rússia, Japão e Oceania¹³. O mesmo vale para os aparelhos receptores .

O conceito de aldeia global deriva do pensamento de McLuhan que via no desenvolvimento da tecnologia de transmissão de TV via satélite uma possibilidade de retorno à origem onde todos faziam parte do mesmo grupo – aldeia¹⁴.

“eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila. A velocidade elétrica, aglutinando todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a consciência humana de responsabilidade a um grau dos mais intensos.”

¹³ SARTORI. Op. Cit. P.254-255

¹⁴ MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 14ª edição, 2001. P.19

A aldeia global seria uma sociedade onde há mais que o sentido de grupos *contidos em*. Uma fase em que a sociedade e seus significados se misturam, se envolvem; as possibilidades de inclusão e participação são compromissos obrigatórios. McLuhan referia-se ao nosso tempo como Idade da Angústia em contraponto ao século XIX, tempo da indústria mecânica onde as ações humanas são realizadas sem preocupações, talvez pela lentidão dos movimentos, talvez pelo afastamento permitido pelas extensões meramente mecânicas do homem.

Com a eletricidade e a eletrônica – e mais recentemente com as novas tecnologias digitais – o nosso sistema nervoso, porta de entrada para todas as sensações de mundo, é afetado de tal forma pela tecnologia que não há como não se envolver totalmente em cada uma de nossas ações.

Devemos ressaltar que, para o autor, o importante são as metamorfoses da sensibilidade entre a tecnologia e o indivíduo, onde o homem também é uma espécie de prótese dos meios de comunicação, uma peça elementar na reprodutibilidade do próprio sistema midiático¹⁵.

A indústria da mídia, inclusive a televisão, está passando nos últimos anos por transformações de grande impacto na natureza dos produtos e nos modos de produção e difusão. Essas mudanças resultam das alterações no cenário econômico mundial e, principalmente, das novas tecnologias. O recente desenvolvimento das telecomunicações e dos sistemas de computadores permitiram novas possibilidades de produção, transmissão, ar-

¹⁵ CÁDIMA, Rui. *Modelos e Profecias da Aldeia Global*. In *História Crítica da Comunicação*. Lisboa: Século XXI, 1996. P. 125.

quivo e acesso à informação e que ainda não podem ser totalmente medidas.

3 Novas tecnologias de comunicação

As novas tecnologias da informação surgidas nas últimas décadas especialmente e, de modo particular, a Internet possuem um grande e inexplorado potencial de comunicação que poderia ser utilizado para a transformação social. Desde os primeiros anos da década de 1980, autores como Toffler¹⁶ e Castells¹⁷ anunciam que as transformações em curso na sociedade estão nos levando a uma nova estrutura social: a sociedade da comunicação mediada pelas novas aparelhagens de informação (computadores, faxes, satélites,...), capaz de levar o homem a um novo estágio de liberdade.

Estas transformações modificam não apenas a técnica de produção e reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas de suporte que o comunica. Com a tela do computador, a transformação é mais radical, uma vez que as formas de organização, de estruturação e consulta ao suporte do texto se modificam.

O texto eletrônico também representa uma revolução da leitura. Ler numa tela digital não é ler um texto impresso, seja livro ou jornal. Abrem-se assim novas e imensas possibilidades: substitui-se a materialidade do impresso pela imaterialidade da imagem na tela; às relações de contiguidade estabele-

¹⁶ TOFFLER, Alvin, *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

¹⁷ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*, vol.1, São Paulo, Paz e Terra, 2000.

cidas opõem-se a livre organização de fragmentos indefinidamente manipuláveis.

Além disso, o texto eletrônico permite ao seu leitor não apenas arquivá-lo, anotar observações, copiá-lo, desmembra-lo, recompo-lo, desloca-lo, mas ainda tornar-se seu co-autor ao construir um novo texto a partir de fragmentos recortados e reunidos¹⁸.

Mas, para James O'Toole, “nem sempre foi assim. A partir dos anos de 1930 até 1970, as tecnologias de telecomunicações foram muitas vezes tachadas de ‘instrumentos de tirania’”¹⁹. Contudo, ainda segundo este autor, se observarmos as evidências históricas oferecidas a partir de 1990, como o papel da Internet no processo de desmoronamento dos países do Leste Europeu, o mundo dos veículos de comunicação americanos e as atividades dos grandes conglomerados industriais, seria complicado e seletivo falar das novas tecnologias como instrumento de defesa ou limitação da liberdade. “Na verdade, o potencial impacto social das novas tecnologias é quase sempre de efeito duplo: podem centralizar e/ou descentralizar o po-

¹⁸ Hoje discute-se intensamente as formas de combater o plágio/ cópia dos textos que circulam na Internet. Porém, as categorias que utilizamos desde o século XVIII para descrever as obras enquanto ato criador individual não se ajustam aos modos de constituição dos bancos de dados eletrônicos. Tanto que a Suprema Corte dos EUA não tem sido favorável aos questionamentos uma vez que considera que o autor primeiro de um texto ao disponibilizá-lo em rede, submete-se às características desta, inclusive sujeitando-se à possível cópia e manipulação de sua obra. Ver: GINSBERG, J. Copyright without walls? Speculations on literary property in the library of the future. *Representations* (42), Futures Libraries, Spring, 1993. Pp. 53-57.

¹⁹ O'TOOLE, James. *Informação e poder*. In *Revista Diálogo*. N.º 2 (vol.26), 1993

der (...) e podem desumanizar e/ou dar poder a trabalhadores e cidadãos”²⁰.

Assim, embora possa-se exaltar a Internet e sua essência democrática, é preciso ter a devida cautela. Afinal, este potencial de transformação social, embora parcialmente realizado, é sempre passível de ser interdito.

A Internet representa uma nova era para a mídia, especialmente a mídia alternativa. A Internet é mais do que uma rede mundial de computadores que se comunicam, permitindo uma maior interatividade do que, por exemplo, a televisão. A Internet permite uma relação local - global muito mais próxima e mais constante, mas condicionada pelos aspectos socioculturais dos contextos em que se insere e dos sujeitos que a utilizam.

A Internet vai além de uma tecnologia que permite o acesso à informação e onde os sujeitos são meros usuários. Os internautas²¹ são sujeitos no sentido mais literal deste termo, seres sociais que (re)constróem intersubjetividades no processo de “navegação”, dando a esta tecnologia um caráter social. Como uma “tecnologia social utiliza os mesmos métodos de forma a permitir que indivíduos com interesses similares se encontrem, falem, ouçam e construam um leque de sociabilidades”²²

Algumas vezes nos referimos a esta soci-

²⁰ O'TOOLE. Op. Cit.

²¹ Internautas: como os aventureiros da Era das Grandes Navegações, os sujeitos que se aventuram nas malhas da grande rede, são vistos como “navegadores de mares desconhecidos”. Mais recentemente, são descritos como “surfistas” de ondas e praias radicais, talvez por conta de uma visão moderna da Web como um emaranhado de nichos e grupos de minorias.

²² CARDOSO, Gustavo. *Para uma sociologia do ciberespaço - comunidades virtuais em Português*, Oeiras: Celta Editora, 1998. P.25

idade, como um ambiente repleto de auto-estradas²³ da informação e onde, quem circula, adquire maior conhecimento, sendo as ferramentas tecnológicas, apenas e tão só, um meio de as percorrer. É nesta perspectiva que Dominique Wolton define a Internet como a “rede constituída por diferentes redes interconectadas à escala mundial. É o percursor das auto-estradas da informação”²⁴

Entretanto, se pensarmos assim, incorremos numa redundância uma vez que a informação não é automaticamente sinónimo de conhecimento, mas resultado de um processo de aprendizagem dinâmico, e experiência de uma construção individual. Além disso, falar de auto-estrada, torna-se impróprio pois lidamos com um espaço não linear conhecido como Net (rede) ou Web²⁵ (teia), onde se tecem contínuas e particulares ligações.

A Internet trás em si o potencial de tornar-se (*kommenwerden*), de vir a ser, enquanto algo a se realizar no futuro, nossa primeira

²³ Nos EUA, durante o governo Clinton, a administração federal projetou a criação de uma superhighway capaz de dar vazão a um imenso volume de informação gerado diariamente pelo país. A idéia era além da criação destes supercorredores, a conexão entre uma série de máquinas, em nada parecidas com as atuais: um misto de telefone celular, computador e relógio.

²⁴ WOLTON, Dominique, *E depois da Internet? – para uma teoria crítica dos novos médias*. Lisboa: Difel, 2000.

²⁵ A Web, ou melhor a WWW – Word Wide Web, é um sistema hipermídia distribuído e acessado através da Internet que permite navegar com facilidade por uma enorme quantidade de informação. A WWW foi iniciada nos laboratórios do CERN por Tim Berners-Lee com o objetivo de integrar informações acessíveis através de uma única rede de ordenadores porém mediante sistemas diversos.

esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se participativa. A Internet oferece aos indivíduos e coletivos a chance de comunicarem-se com suas próprias vozes: websites pessoais e coletivos, listas de discussão, e-mails, salas de bate-papo online, videoconferências, mecanismos de busca,...

Esses meios de comunicação online permitem novas possibilidades e usos como a distribuição gratuita de softwares, a divulgação de textos, exposição e divulgação de imagens e a conversação em tempo real e a longa distância. Além disso os usuários possuem muito maior controle sobre a produção nesse meio.

Estas redes (teias) de comunicação não substituem os velhos e tradicionais meios de comunicação, mas servem como incrementos destas e também proporcionam maior rapidez na disseminação e na troca de informações. Como afirma Kernan²⁶ “ (...) nenhum modo de comunicação humana, uma vez usado, desaparece completamente (...) da mesma maneira a leitura não desaparecerá na idade da TV e das comunicações eletrônicas” mas são alteradas pelas transformações provocadas por essas novas tecnologias. O autor ainda lembra que estas tecnologias (TV, fax, telefone, computador, Cd-rom e DVD) além de modificar a leitura e a escrita, mudam “(...) a consciência humana e também as práticas econômicas e de negócios à medida que completam sua tarefa de aniquilação da velha ordem” do impresso como meio de comunicação privilegiado.

²⁶ KERNAN, Alvin. *Adeus à alfabetização?* In Revista Diálogo. [s.d.], 1993.

4 O potencial radical das novas tecnologias

Apesar de todo este potencial de comunicação e transformação social, o desenvolvimento da Internet como meio democrático encontra pela frente problemas. James Carey²⁷, num estudo sobre a trajetória de outros avanços tecnológicos introduzidos originalmente com expectativas utópicas de progresso democrático, especialmente o telégrafo, afirma que estes meios se converteram em serviços dominados por grandes grupos econômicos com cada novo desenvolvimento de suas tecnologias sendo usado para gerar lucros.

O'Toole²⁸ destaca essa realidade quando descreve a situação dos EUA onde o controle sobre a programação e audiência imposto pelas três principais redes de televisão e operadores de TV por cabo representam o mesmo tipo de ameaça à liberdade como foi o monopólio das comunicações nos países do Leste Europeu.

Como as comunicações eletrônicas tradicionais estão sob controle das grandes corporações, a Internet aparece como uma alternativa e uma resposta a este controle. Os críticos porém destacam uma espécie de enclausuramento no uso atual da Internet onde o acesso é limitado. Grupos minoritários continuam a ter baixa ou nenhuma representação. Como toda mídia alternativa, a Internet tende a permanecer nas mãos dos especialistas em mídia.

Além disso, a Internet só pode ser efetivamente útil se estiver disponível e, até hoje estima-se que 80% da população mundial

não tem acesso sequer às comunicações mais rudimentares. Nos EUA, onde o serviço é mais generalizado, até 1997, apenas 9% das salas de aula, laboratórios e bibliotecas públicas estavam conectados à rede, proporção que se reduzia à metade nas escolas frequentadas por alunos mais pobres²⁹. A idéia do acesso universal à rede é muito boa, mas ainda é muito cara e não se encontram soluções para como financiar um projeto de tal proporções. Shapiro³⁰ estima que

“ (...) o custo de oferecer acesso à Internet a todas as salas de aula da rede pública dos EUA, em 2005, instalando-se um computador para cada cinco alunos, exigiria um desembolso inicial de 47 bilhões de dólares, mais 14 bilhões anuais para operações e manutenção. Mesmo o plano mais modesto – instalar em cada escola um laboratório de informática com 25 computadores interligados, em 2000 – custaria cerca de 11 bilhões de dólares e mais 4 bilhões anuais para manutenção”.

Aliás, o acesso à rede não envolve apenas os equipamentos, envolve também conhecimento de mídia e de sistemas bem como recursos para pagamento dos especialistas.

5 A circulação de informação na Internet

A Internet permite um fluxo ininterrupto de informações, abrangendo cada vez mais pes-

²⁷ CAREY, James. Op. Cit.

²⁸ Op. Cit.

²⁹ Estes dados estão disponíveis em <http://www.oneworld.org/panos/briefing/telecoms.htm>.

³⁰ SHAPIRO, A. Total Access. In *The Nation*, 264(1), 1995

soas em suas malhas e pontos de conexões. Este acentuado fluxo de informações tem suas raízes, como destaca Gleick³¹, num instrumento de grande conectividade: “(...) o telefone que transformou o século XX de ponta a ponta”.

Os críticos porém, lembram que esta informação que circula pela rede muitas vezes não é confiável, é transitória ou tendenciosa. Há um certo fundo de verdade nisso tudo. Os sites podem apresentar conteúdos subjetivos ou mudar de endereços ou desaparecer por problemas organizacionais ou falta de recursos, mas tais críticas ao invés de serem construtivas acabam por privar os usuários do exercício do poder, uma vez que se supõe de antemão que estes não críticos ao dar crédito às fontes ou avaliar as situações de diferentes pontos de vista. Além disso, afirmar que a maioria das fontes da rede não são credíveis é esquecer que também as fontes oficiais também representam pontos de vista particulares e, com frequência divulgam informações que não poderíamos considerar verdades absolutas³².

Desta forma torna-se importante dar à Internet um enfoque de mídia radical: buscar a participação de indivíduos e de grupos organizados na criação de formas interativas de comunicação que atuem como força de compensação para o fluxo unilateral que é próprio das mídias comerciais. Apesar dos problemas, a Internet pode ser um veículo poderoso para a sociedade. O acesso ainda é limitado e irregular, mas cresce no mundo todo, inclusive em regiões rurais e pouco desenvolvidas.

³¹ GLEICK, James. *A transformação do telefone*. In *Revista Diálogo*. [s.d.], 1993. P. 72

³² Ver as idéias de Noam Chomsky em TV CULTURA (SP) Programa Roda Viva, [s.d.]

Porém, inúmeras tentativas de adequação estão colocando a comunicação alternativa online sujeitas a campanhas que tendem a enfraquecer o exercício do seu potencial transformador, ameaçando sua eficácia atual e o seu futuro. Nos EUA, por exemplo, o governo que financiou com subsídios a rede desde o princípio, saiu do sistema e deixou o caminho livre para a corporativização indiscriminada do ciberespaço.

McChesney³³ diz que a doação do espectro digital às grandes corporações de comunicação (IBM e MCI) em 1995 foi um dos dez fatos mais importantes abafados pela imprensa norte-americana naquele ano e que o valor total do negócio seria da ordem de 70 bilhões de dólares. O autor diz ainda que a Internet já se afastou consideravelmente do que prometia ser : uma esfera pública aberta e independente, sem fins lucrativos.

Nesse cenário, o termo *acesso* aos poucos vai dando espaço para uma nova noção. A de “mercado de idéias”, pois os mercados só permitem que se tenha acesso ao que é lucrativo, não ao que é possível. Destroí-se o conhecimento comum, dando lugar ao que é privado (no uso mais radical do termo). Priva-se a sociedade do acesso a sua herança comum e dá os direitos sobre esta a proprietários individuais, além de tornar a informação uma mercadoria.

Muitas outras tentativas de se restringir a liberdade de expressão ameaçam limitar o poder da Internet enquanto veículo para a mudança social, ao mesmo tempo que procuram dificultar o apoio dos indivíduos aos movimentos sociais de formas mais tradici-

³³ MCCHESENEY, R. *The global struggle for communication*. In *Monthly Review*, 48 (2) Nova York, 1996

onais. Assim, embora os custos de acesso e uso básico da rede estejam mais baratos, é possível que o público encontre menos informação provenientes de fontes mais voltadas para a transformação social (radicais).

6 Bibliografia

- ADELL, Jordi (1997), *Tendencias en educación en la sociedad de las tecnologías de la información*, in Revista electrónica de tecnología educativa. Espanha: <http://www.uib.es/depart/gte/revelec7.ht>, capturado em 12 de janeiro de 2003.
- BAGDIKIAN, Ben H. *O monopólio da mídia*. São Paulo: Scritta, 1993.
- CÁDIMA, Francisco Rui. *Modelos e Profecias da Aldeia Global*. In História Crítica da Comunicação. Lisboa: Século XXI, 1996.
- CÁDIMA, Francisco Rui. *Desafios dos Novos Média: A Nova Ordem Política e Comunicacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- CAMPOS, Roberto. *Opção preferencial pela infopobreza*. In Folha de S. Paulo, Caderno Brasil, p14. Edição de 23 de agosto de 1998.
- CARDOSO, Gustavo. *Para uma sociologia do ciberespaço - comunidades virtuais em Português*, Oeiras: Celta Editora, 1998.
- CAREY, James. *Communications as culture: Essays on media and society*. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- CASTELLS, Manuel (2000), *A sociedade em rede*, vol.1, São Paulo, Paz e Terra.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. Brasília: UNB, 1994.
- DIZARD Jr. Wilson. *A Nova Mídia, A Comunicação de Massa na Era da Informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ESTEVA, G. & PRAKASH, M.S. *Grassroots postmodernism: Remaking the soil of culture*. Londres: Zed, 1998.
- FAYARD, Pierre. *A revolução da precisão*. In: <http://www.comciencia.br/reportagens/socinfo/info13.htm>. Capturado em 23 de abril de 2003.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- GINSBERG, J. *Copyright without walls? Speculations on literary property in the library of the future*. Representations (42), Futures Libraries, Spring, 1993.
- GLEICK, James. *A transformação do telefone*. In Revista Diálogo. [s.d.], 1993.
- GLEICK, James. *Acelerado – A velocidade da vida moderna*. São Paulo: Campus, [s.d.]
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface - como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

- KERNAN, Alvin. *Adeus à alfabetização?* In Revista Diálogo. [s.d.], 1993.
- LANDOW, George P. *Hipertexto – la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica. 1995.
- MCCHESENEY, R. *The global struggle for communication*. In Monthly Review, 48 (2) Nova York, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. *Visão, Som e Fúria*. In LIMA, Luiz Costa. Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra, 5ª edição, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 14ª edição, 2001.
- MORAES, Dênis de (org.) Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- O'TOOLE, James. Informação e poder. In Revista Diálogo. N.º 2 (vol.26), 1993.
- PARENTE, André. (org.) Imagem e máquina, a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e Cultura – a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença, 2ª edição, 1999.
- SARTORI, Carlo. *O Olho Universal*. In GIOVANINNI, Giovanni. Evolução na Comunicação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 251-252
- SHAPIRO, A. *Total Access*. In The Nation, 264(1), 1995.
- SQUIRRA, Sebastião. *Leitura da imagem: fotografia e TV*. Paper apresentado na 8ª Jornada Nacional de literatura. Passo Fundo (RS): Universidade de Passo Fundo, 1999.
- SQUIRRA, Sebastião. *Jorn@lismo online*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1998.
- SQUIRRA, Sebastião. *O Jornalismo do futuro*. In: Revista Comunicação e Sociedade. N.º 28. São Paulo: UMEESP, 1997.
- STEPHENS, Mitchell. *História das Comunicações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 5ª edição, 2001.
- TOFFLER, Alvin, *A terceira Onda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (1984)
- WOLTON, Dominique, *E depois da Internet? – para uma teoria crítica dos novos médias*. Lisboa: Difel, 2000.